



Publicado em: 12.02.2024

OS TEMPOS EM SUA MANSA ORDEM CONFORME ESPERAS E SOFRÊNCIAS: TESTEMUNHO E LEITURA EM TERRA SONÂMBULA DE MIA COUTO

Marcelo Franz

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil

E-mail: mfranz4390@gmail.com

RESUMO

Observa-se atualmente um aumento no interesse pela literatura de testemunho por parte dos estudos literários. Essa corrente literária, de acordo com SELIGMANN SILVA (2003), mais do que um gênero em si, é uma face da literatura, geralmente voltada à caracterização de memórias relacionadas a algum trauma ou experiências de sofrimento. Em geral, trata-se da ficcionalização amparada na leitura de uma circunstância histórica, valendo-se do simbólico como forma (e força) de expressão que, embora voltada ao factual, mantém-se livre da prisão do verossímil trivial. Um exemplo dessa situação ocorre no romance *Terra Sonâmbula* (2007) de Mia Couto, no qual o centro do enredo é o contato do protagonista Muidinga com os escritos de Kindzu, achados nos escombros de uma guerra que destruiu o país onde vive. A relação afetiva que o garoto mantém com aqueles cadernos – que contam, de modo simbólico, da sua resistência - leva Muidinga a superar a monotonia e a morbidez do ambiente de devastação causada pela guerra. A sua capacidade leitora lhe possibilita visitar outras realidades além do sofrimento e dos desafios que é obrigado a enfrentar. A partir destes apontamentos, pretende-se observar e refletir acerca do efeito dos escritos de testemunho sobre quem os lê a ponto de as memórias neles presentes interferirem na sua construção identitária individual.

Palavras-chave: Testemunho, Leitura, Humanização.

TIMES IN ITS MANSA ORDER ACCORDING TO EXPECTATIONS AND SUFFERENCES: TESTIMONY AND READING IN TERRA SONÂMBULA BY MIA COUTO

ABSTRACT

There is currently an increase in the interest in testimonial literature on the part of literary studies. This literary current, according to SELIGMANN SILVA (2003), more than a genre in itself, is a facet of literature, generally aimed at characterizing memories related to some trauma or experiences of suffering. In general, it is about fictio-

nalization supported by the reading of a historical circumstance, using the symbolic as a form (and force) of expression that, although focused on the factual, remains free from the prison of trivial plausibility. An example of this situation occurs in the novel *Terra Sonâmbula* (2007) by Mia Couto, in which the center of the plot is the protagonist Muidinga's contact with the writings of Kindzu, found in the rubble of a war that tore apart the country where he lives. The affective relationship that the boy maintains with those notebooks – which tell, in a symbolic way, of his resistance – leads Muidinga to overcome the monotony and morbidity of the environment of devastation caused by the war. His reading ability allows him to visit other realities besides the suffering and challenges he is forced to face. From these notes, it is intended to observe and reflect on the effect of the testimonial writings on those who read them to the point that the memories present in them interfere in their individual identity construction.

Keywords: Testimony; Reading; Humanization.

1. INTRODUÇÃO: MIA COUTO, NARRATIVA, MEMÓRIA E HISTÓRIA

As narrativas de Mia Couto são riquíssimas em imagens que propõem o diálogo entre o real e os universos oníricos, já que ele não se satisfaz em representar o real em sua máxima proximidade, embora a ele retorne – de modo crítico - pela via do simbólico. Deve-se esclarecer que a opção pelo fantástico certamente não é arbitrária. Mesmo com a referência constante a figuras mitológicas em algumas de suas narrativas, a compreensão do histórico, do social e do político está sempre no horizonte de suas criações. Também está sempre presente na composição de seus textos a influência da tradição oral. Contudo, Nelson Pestana esclarece que “ninguém em Moçambique fala da maneira como escreve Mia Couto, e esse é apenas um dos pontos que revelam sua inovação linguística” (RIOS, 2005, p. 26). Depreende-se deste modo que, embora a influência da oralidade não caracterize a escrita de Couto em sua totalidade, ela o favorece como estímulo de criação e experimentação da linguagem.

Analisaremos a obra *Terra Sonâmbula* (2007), narrativa que constrói um universo ficcional que mantém forte elo com a realidade histórica por se remeter aos problemas surgidos pela guerra civil em seu país, após a colonização portuguesa. O tema de nossa análise é a ocorrência, no romance, de uma experiência de testemunho, associada a uma leitura do testemunhado que enseja um processo de reumanização. Faz-se necessária uma incursão pelo debate teórico desses temas a fim de, com eles, subsidiarmos nossa análise do romance de Couto.

2. TESTEMUNHO, LEITURA E REUMANIZAÇÃO

Em épocas caracterizadas pela ocorrência de barbáries e catástrofes como o século XX, é natural que venham à tona relatos de experiências traumáticas e que estes se constituam, pela transfiguração ficcional, como tema, contexto ou cenário

de obras literárias. No plano pessoal, recordações traumáticas são um peso árduo na memória das vítimas e sobreviventes e, ainda que a superação do trauma não se conquiste com facilidade, a narração da dor (ou da desumanização) vivenciada é um recurso que pode servir de apoio às vítimas.

A representação literária destas experiências se constitui como testemunho, denúncia e processamento dos traumas vividos. A produção artística de experiências testemunhadas atraiu bastante interesse em pesquisas da década de 1970 em diante, mas o debate a esse respeito ainda está em curso. Consideramos de fundamental relevância esclarecer alguns pontos relacionados ao assunto valendo-nos do estudo *Testemunho da Shoah e literatura*, de Márcio Seligmann-Silva nas reflexões que serão aqui apresentadas. Primeiramente, o estudioso considera que a literatura de testemunho esteja mais para uma face da literatura do que para um gênero, já que ela emerge em épocas de catástrofes e a essas se reporta. Além disso, do ponto de vista conceitual, o que a define é a complexidade do seu compromisso com o real, uma vez que nela se representam traumas vivenciados factualmente e que são representados por meio de uma “escritura”. O nó dessa questão reside, segundo Seligmann-Silva, na relação entre trauma e linguagem. Em leitura de chave freudiana, o autor sustenta que o trauma – base da experiência testemunhal tornada literatura – é justamente aquilo que resiste à representação. Em consequência disso, o modo como o real (doloroso) é alcançado pela linguagem é sempre um desafio nesses relatos (SELIGMANN-SILVA, s.d. p. 11).

Seligmann-Silva propõe um questionamento acerca dos limites da fala e da experiência. Constata que além de a descrição ser sempre parcial, ela nunca dará conta de representar a experiência do sobrevivente. Mesmo que os recursos estéticos, artísticos e literários favoreçam a representação, as sensações enfrentadas pela vítima não serão vivenciadas por mais ninguém, já que “A língua sempre apaga o singular e coloca o geral no seu lugar: ela é a perda a priori” (SELIGMANN-SILVA, s.d. p. 2).

Dentre as inúmeras reações presentes no ato de compartilhar traumas pessoais destacam-se duas: o ato de revivenciar e o desabafo. Estas reações podem existir interdependentes. Isto porque é provável que a decisão de reviver experiências perturbadoras tenha algum motivo significativo e na maior parte das situações seja a intenção do desabafo. Dentre as razões que justificariam a necessidade de manifestar memórias traumáticas, Seligmann-Silva menciona: 1) o impulso para se livrar da carga pesada da memória do mal vivenciado; 2) a dívida de memória para com os que morreram; 3) o ato de denúncia; 4) o legado para as gerações futuras; 5) o gesto humanitário na medida em que o testemunho serviria como uma memória do mal.

Pode-se dizer que o testemunhal, em diferentes graus, perpassa toda a literatura há tempos. Mas o conceito de literatura de testemunho – e todo o problema que

1 O estudo citado encontra-se disponível no site: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf. Não há indicação de data da sua publicação. Nosso acesso a ele aconteceu no dia 12/09/2015.

ele comporta – chegou até as criações atuais através da leitura (ou releitura, no sentido de ressignificação) que os autores atuais e de outras partes do mundo têm feito de narrativas de autores europeus prisioneiros nos campos de concentração nazistas, autores como Primo Levi, Jorge Semprum, Paul Celan, Imre Kertesz etc. Trata-se de uma criação artística cujas condições especiais em que se dá é marcada, em todos os casos, pela urgência de contar para viver e, ao mesmo tempo, viver para contar. A literatura surgida nessas condições é, de saída, abalada por um trauma e pelo questionamento subjacente a cada ato testemunhal quanto às suas possibilidades expressivas uma vez que as testemunhas vivenciam dramaticamente a limitação do discurso que represente o absurdo da situação que as vitima. A pergunta pressuposta na atitude narrativa assumida por esses condenados é: Será que tal situação caberia em palavras normais? Por outro lado, calar implicaria esquecer, e o esquecimento seria a vitória da morte. Não a morte pessoal de cada um (já que essa é inadiável e, por isso, tolerável), mas a morte como projeto de estado, a morte como afronta à dignidade humana (SELIGMANN-SILVA, 2003).

O fato é que traumas de guerra, nem sempre podem ser testemunhados. No famoso ensaio *O narrador*, Walter Benjamin constata que os sobreviventes de guerra retornavam privados da arte de narrar: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável.” (BENJAMIN, 2012). Nesse sentido, deve-se considerar que testemunhos de guerra são fruto de um percurso memorialístico delicado, e quando transcritos na linguagem literária, vão além do mero exercício de relatar. A recordação insere a vítima novamente nos cenários de sofrimento. Além disso, nota-se nesse testemunho a complexidade dos limites entre memórias coletivas e individuais. Esse processo sempre sofrerá interferência das sensações sofridas pelo narrador e isto influenciará nas tomadas de decisões no momento de desenvolver a narrativa. De acordo do Sarlo:

O testemunho (...) é composto daquilo que um sujeito permite ou pode lembrar, daquilo que ele esquece, cala intencionalmente, modifica, inventa, transfere de um tom ou gênero a outro, daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitem captar do passado, que suas ideias atuais lhe indicam que deve ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente, daquilo que ele utiliza como dispositivo retórico para argumentar, atacar ou defender-se, daquilo que conhece por experiência e pelos meios de comunicação, e que se confunde, depois de um tempo, com sua experiência (SARLO, 2007, p. 58-59).

Deve-se atentar para o fato de que relatos testemunhais são parte de uma experiência de comunicação, o que pressupõe, na realização do testemunho, uma intencionalidade diante do eventual receptor. Frequentemente o objetivo de relatos assim é o de repercutir, por meio do discurso, a intensidade da experiência traumática a fim de, por meio do impacto causado, alertar a recepção a fim de que se evite repetir no futuro a condição (social, política, cultural) que propiciou o trauma em

quem o testemunha ou ao grupo de que ele faz parte. Na base dessa lógica está a certeza de que a leitura pode ser vista como recurso de construção pessoal do leitor, sendo a descrição do trauma uma potência reumanizadora. Através do ato de ler o indivíduo assume a condição de construir-se individualmente relacionando-se com a voz do outro, podendo estabelecer forte identificação. Afinal, segundo Antonio Candido: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Para pensar nas relações entre memória e leitura é pertinente esclarecermos a origem do termo “ler”. Em sua origem latina, o verbo *legere* em sua primeira acepção, indicava o ato de colher. As civilizações arcaicas europeias assumiam uma posição de sacralidade diante do ato de colher, pois através dele é que assumiam condições de sobrevivência. Neste mesmo sentido é possível se deduzir sua relação com a memória já que num dado momento era um dom divino de poucos privilegiados e era através destes que os feitos históricos e os ensinamentos ancestrais eram transmitidos. É a partir do surgimento da escrita que se inicia o processo de dessacralização da memória, outrora visto como dom que cabia a poucos, para tornar-se técnica, algo possível de ser ensinado e adquirido por meio de exercícios. Com isso, não são somente os privilegiados pelo dom divino que alcançam essas memórias, pois o acesso poderia se dar através da escrita, pela ação da leitura.

Pensando na estrita relação que o ato de ler e a memória, Jouve (2002) postula que ler é uma atividade plural, um processo que põe em jogo cinco dimensões: a neurofisiológica, a cognitiva, a afetiva, a argumentativa, e a simbólica. Por motivos de espaço, não haverá condições de observarmos todas de modo detalhado, então atentaremos para a afetiva. Aqueles que se identificam com a leitura literária costumam se relacionar com esse exercício de modo bastante intenso. Ler é uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos (JOUVE, 2012, p.17), uma atividade complexa de interpretação capaz de provocar diversos tipos de emoções a quem se dá a tal experiência. Reações deste tipo se estabelecem devido ao envolvimento entre leitor e texto com grandes possibilidades de manifestações de reações que vão além do estímulo cognitivo, mas que também se aproximam do contato afetivo. Para Jouve (2002, p.19).

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam nosso interesse (JOUVE, 2002, p.19).

Nesse sentido, os que já experimentaram essa sensação prazerosa de relacionar-se afetivamente com o texto, certamente já não cogitam a possibilidade de ficar muito tempo sem aventurar-se no mundo das narrativas. O sentido construído atra-

vés deste processo tende a se estabelecer no contexto em que o leitor se enquadra, logo, o contexto é um fator de estímulo que movimenta as reações do leitor. “Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo que os recuse que os aceite” (JOUVE, 2002, p. 22).

Nos últimos anos, os estudos literários têm atentado para o processo de recepção do que é lido. Algumas das conclusões recentes consideram que o leitor é parte fundamental para a formação do sentido do texto. O fenômeno da pluralidade de interpretações permitidas pelos textos literários deixa aberta esta liberdade para que o indivíduo seja parte fundamental nas tomadas de decisões no momento da leitura.

Em contextos de trauma como os que abordamos neste artigo, ter possibilidade de relacionar-se afetivamente com o texto lido torna-se um refúgio ante a árdua realidade vivenciada. Isto é representado em *Terra Sonâmbula* e mais a frente observaremos isso mais atentamente.

Embora componham áreas de interesse independentes, os estudos da ficção de testemunho têm se ligado aos estudos pós-coloniais já que, em muitos casos, a condição de colonizado é vivenciada como fator do trauma relatado ficcionalmente. A independência de países Africanos, como Moçambique, trouxe não só liberdade das garras de um colonizador, mas também a busca por liberdade de pensamento, e da essência da africanidade. O que se tinha antes era um país retratado por europeus, com a sua forma de ver o povo de maneira exótica e primitiva. Após 1975, o que se vê é o início da busca pelo que é ser realmente e essencialmente africano.

Essa busca por uma essência que já havia se perdido leva ao resgate de crenças que permeavam a sociedade moçambicana antes da colonização. Nesse sentido, além de a escrita se estabelecer como processamento de manifestações traumáticas por meio dos relatos testemunhais, ela também contribui para que comunidades colonizadas tenham, por fim, condições de manifestar seus costumes e de seus modos de relacionar-se com o meio social e de denunciar as injustiças enfrentadas pelo processo colonizador ou os traumas das guerras de descolonização.

Um dos maiores representantes da literatura pós-colonial africana é o autor Mia Couto. Aprofundaremos a seguir alguns aspectos ligados ao testemunhal em *Terra Sonâmbula*.

3. VIVENDO OS TESTEMUNHOS:

LEITURA E MEMÓRIA EM TERRA SONÂMBULA

Em *Terra Sonâmbula* notamos a forte relação de memórias testemunhais e leitura. Mia Couto constrói uma trama composta de duas histórias simultâneas ambientadas no trágico cenário de morticínio e sofrimento ocasionado pela guerra ci-

vil moçambicana. A narrativa inicial se até à contínua fuga de dois sobreviventes, um velho, Tuahir, e uma criança, Muidinga, em fuga da barbárie ocasionada pela guerra. Estão em constante busca pelos pais do menino e, se possível, também por um resquício de humanidade. Ante a destruição que os rodeia e acompanha, Tuahir disputou o pequeno Muidinga com a morte, saindo vitorioso da disputa. Descreve que isso aconteceu em um momento em que encontrou alguns corpos de crianças e percebeu que em uma delas, ainda restava um suspiro de vida, e assim acabou resgatando o pequeno e a partir daí dedicou-se à sua recuperação tendo de “ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar” (COUTO, 2007, p. 10). Aos poucos Muidinga se recuperou, tornando-se seu companheiro de fuga.

A outra narrativa, inserida na primeira, é a registrada em alguns cadernos (espécie de diários) encontrados pelos fugitivos. Em seu percurso de evasão, Muidinga e Tuahir se deparam com um cadáver que, pelos sinais observados, havia acabado de ser assassinado. Junto a ele está uma mala, para a qual muito rapidamente eles se dirigem. O velho, ansioso por encontrar algo que dê uma trégua em sua fome, não dá a mínima importância para os cadernos encontrados pelo menino. Este, entretanto, desde que toma posse dos papéis, vivencia uma profunda comoção.

Uma das mais interessantes propostas do romance de Mia Couto é a de compartilhar uma narrativa entre leitor empírico e personagem. Isto porque, os textos presentes nos cadernos são descritos (e lidos) exatamente do mesmo modo, pelos dois personagens, e, também, pelo leitor da obra. A princípio, o acesso aos cadernos aciona em Muidinga a capacidade de ler, algo esquecido até o momento de encontrá-los. Mas o fato de não saber ler não priva Tuahir de também se envolver com os escritos, já que Muidinga realiza as leituras em voz alta permitindo que o velho também se insira no universo lido. Ao longo da narrativa sugere-se que esse ato os aproxima e os retira momentaneamente da realidade sofrida de morticínio ocasionada pela guerra.

Kindzu, o autor dos diários, se assemelha aos outros dois personagens por sua necessidade de distanciar-se da realidade violenta que enfrenta. Decide tornar-se um naparama, figura que se caracteriza como “defensor das populações moçambicanas injustiçadas, independente de sua etnia, raça ou região” (ROCHA, 2006, p. 62). Seu itinerário é descrito em seu diário. A conservação de suas experiências, preservadas pelo recurso da escrita, possibilita a permanência de sua memória mesmo após sua morte. O relato inicia com a seguinte passagem:

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz (COUTO, 2007, p. 15).

Percebe-se o conflito psicológico enfrentado pelo personagem, se sentindo no dever de registrar todo o ocorrido e para isso se obriga a reviver momentos abalados pela violência. Tal postura inequivocamente enquadra sua criação textual na pro-

posta do testemunhal. Suas lembranças são involuntárias e ele já não assume controle sobre elas. Seu presente se constitui apenas de sombra, pois sua luminosidade foi extinta pela guerra. Mas o que verdadeiramente se passou, em sua consistência factual, ficou ao largo do que foi redigido. O universo imaginário explorado pelo jovem memorialista dá testemunho, com sua força simbólica, de um esforço de sobrevivência e redenção. O viver para contar alia-se ao contar para viver.

A morte de Kindzu não ocasiona a sua extinção, pois os escritos o constituíram como existência e permitiram que Muidinga e Tuahir o conhecessem e nele se reconhecessem. Estimulados pela fruição da leitura, os dois leitores se transferem, ainda que temporariamente, de seu universo para o dos escritos. Tuahir afirma que ouvir as histórias lidas por Muidinga, reduz a sua solidão naquele ambiente. A passagem abaixo permite-nos perceber o valor afetivo que os cadernos adquirem mesmo para o sujeito impossibilitado de ler:

O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos. Dividissem aquele encanto como sempre repartiram a comida. *Ainda bem você sabe ler*, comenta o velho. Não fossem as leituras eles estariam condenados a solidão. Seus devaneios caminhavam pelas letrinhas daqueles escritos.

- Me lê, miúdo. Vai lendo enquanto e faço um serviço (COUTO, 2007, p. 47).

É possível depreender ao longo do relato de Kindzu as atrocidades resultantes da guerra, em especial a fragilidade enfrentada pelas “minorias” no jogo de poder que se estabelece no contexto do caos. Mulheres e imigrantes figuram dentre algumas das vítimas. Segundo seus relatos, Kindzu seguia à procura daquele que pode vir a torná-lo um naparama e em sua trajetória percorreu diversas comunidades, cada qual com seus embates. No seguinte fragmento, presente nos diários de Kindzu, descreve-se o território em que ele se depara, indicando o as “conquistas” da guerra civil:

O que testemunhei naquela povoação foram coisas sem hábito neste mundo. Gentes imensas se concentravam na praia como se fossem destroços trazidos pelas ondas. A verdade era outra: tinham vindo do interior, das terras onde os matadores tinham proclamado seu reino. Consoantes as pobres gentes fugiam também os bandidos vinham em seu rasto como hienas perseguindo agonizantes gazelas. E agora aqueles deslocados se campeavam por ali sem terra para produzirem a mínima comida. Deviam viver há vários dias, presenciadas as trouxas e fogueiras espalhadas em múltiplas desordens (COUTO, 2007, p. 55).

A viagem de Kindzu é revivida por Muidinga e Tuahir através da leitura dos cadernos, ao mesmo tempo em que o leitor empírico da obra é convidado a percorrer esse mesmo caminho. Nesse sentido é conveniente recorrer às observações a respeito da relação leitor e obra. Que relações estabelecem Muidinga e Tuahir com a leitura dos cadernos? A princípio, *Terra Sonâmbula* pode ser entendida, em sua essência, como uma narrativa que ficcionaliza de modo complexo um ato leitor, o que o situa numa tradição bastante antiga da literatura ocidental. A propósito, a tematização do ler configura uma das mais presentes na criação ficcional da língua portuguesa. De

acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *A formação da leitura no Brasil* (1996), a ficcionalização do leitor é extremamente importante para se pensar sobre uma história social da escrita. Nas palavras das autoras, tematizar a leitura é dar “lugar privilegiado para o tecimento desta história não só por representá-la ou questioná-la, mas, principalmente, por tecê-la a partir da linguagem em que se criam tais leitores de papel e tinta” (LAJOLO, e ZILBERMAN, 1996, p. 52).

Um modo clássico de representação literária do leitor é aquele em que se procede a ficcionalização, no enredo do romance, de um ato de leitura, sendo o personagem protagonista caracterizado, entre outras coisas, mas com grande destaque, como alguém que lê e tem sua vida marcada por isso. A série das obras que se deram a isso é longa e, em alguns casos, como no do *Dom Quixote*, de Cervantes, oferecem, a partir da ficção, importantes contribuições para se pensar sobre o papel da leitura na vida individual, uma vez que se representam cenas de leitura – e suas consequências - para que o leitor identifique no texto uma situação que pode se reproduzir na sua experiência:

As concepções modernas se voltam à indagação de como o leitor age na composição do sentido da obra e como esta “reage” - ampliando seu sentido em variadas condições históricas – aos modos como é lida. À figura do leitor visto como mero desvendador se sobrepõe a do “sujeito-leitor”, inserido no processo histórico de construção de sentidos, criando-os à luz das suas relações com o mundo e, por vezes, tornando mais complexas essas relações com o mundo e, por vezes, tornando mais complexas essas relações a partir do que lê e do processo criativo a que se dá enquanto lê. (FRANZ, 2012, p. 42).

Quando observamos a relação dos personagens leitores Muindinga e Tuahir com o que leem e seu profundo envolvimento com os cadernos, à luz das observações citadas acima, podemos compreender a identificação e a projeção das vidas dos dois personagens na do autor dos textos lidos. Isto porque a realidade apresentada – e recriada linguisticamente - nos escritos não está distante da do mundo externo. Essa percepção de proximidade faz com que Muindinga pressuponha estar muito próximo dos eventos e situações descritos no texto lido. Ele, que está em busca de seus pais, acaba cogitando ser Juanito, irmão de Kindzu, referido nos textos deste e que, segundo seu testemunho, teria desaparecido devido a uma ordem imposta ao pai de Kindzu, pois ele deveria escolher um dos filhos para sobreviver ao extermínio que vitimaria o autor do diário. Isso mostra que, mais do que captar os sentidos do texto lido, o personagem leitor os reconstrói a partir da sua experiência.

Esta cogitação é, junto com outras, uma reação de criação de sentido para o texto lido estimulada por ele. Em consonância com as novas concepções do ato leitor, notamos que o modo como o livro de Mia Couto aborda a atitude de Muindinga entende esse ato como de transformação recíproca, isto é: o leitor se deixa transformar pelo que lê ao mesmo tempo em que age transformando o texto a que tem acesso. As percepções de leitura de Muindinga são ocasionadas pelas suas experiências

personais, influenciadas pelo desejo de que determinados eventos aconteçam. Se é verdade que o leitor jamais poderá ser o mesmo após a experiência da leitura, igualmente, pela atribuição de um sentido radicado em sua vivência pessoal, esse leitor faz com que o texto lido jamais volte a ser o mesmo após lê-lo.

O indivíduo em cada evento de sua vida é resultado das vozes que por ele passaram influenciando na composição de suas crenças, formação de opinião e tomadas de decisões. Esta multiplicidade de diálogos nunca é estática nem tão pouco definitiva. Isto condiciona o indivíduo a um estado de transformação. Nesse sentido:

É impossível ler uma obra literária como única no mundo, sem que faça, sabendo disso ou não, relações com suas experiências de vida e de leitura. Em suma não há composição textual pelo autor sem que se ative uma rede de memórias do já criado (que é relido). Não há produção de sentido pela recepção se que se ative uma rede de memórias do lido (que é criado). (FRANZ, 2012, p. 42-43)

Nota-se, por fim, que o romance de Mia Couto transfigura e funde variadas experiências memorialísticas e de leitura. Do ponto de vista de Kindzu, a escrita, vista como expansão de uma urgência de vida em meio ao horror da morte, é um meio de reprocessar a memória, perpetuando, com a força do texto uma vivência que cumpre não esquecer. O que ele escreve revela sua “leitura” do mundo que lhe é possível ver. Trata-se de uma escrita agônica e de resistência, um clamor dirigido a um eventual – ainda que incerto – leitor a fim de alertá-lo sobre a desumanização e o perigo de ela se repetir. Por outro lado, a memória dos leitores desse testemunho (Muidinga e Tauhir), é acionada (e, também, instigada, provocada) pelo ato leitor. O profundo mergulho no que é lido faz com que esses leitores não só se informem sobre a realidade testemunhada pelo autor do texto lido, mas se reconheçam (projetando-se) nele e redimensionem a sua visão do humano, da história e da própria linguagem.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas** - Vol. I. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 8ª Ed. 2012.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FRANZ, Marcelo. *Memória vivida, memória lida: a ficção memorialística e a interferência da leitura*. In THIEL, Janice C. (et al.). **Prismas: visões da leitura na contemporaneidade – estudos literários e da linguagem**. Curitiba, Editora Champagnat, 2012.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

RIOS, Peron Pereira Santos Machado. **A Viagem Infinita :Um Estudo de Terra Sonâmbula**. Disponível em: http://www.repositorio.ufpe.br/jspui/bitstream/123456789/7993/1/arquivo8445_1.pdf. Acesso em: 10 out 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELLIGMAN-SILVA, Marcio. **Testemunho da Shoah e literatura**. Disponível em: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf. Acesso em: 12 set. 2015.